



## I — O SIGNIFICADO DE CAXIAS (\*)

MaJ ART RUBENS MÁRIO GAGGIANO JOBIM

Todos os anos festeja o Exército Brasileiro, contando com a valiosa cooperação da Liga de Defesa Nacional, a Semana de Caxias, que culmina, a 25 de agosto, data natalícia do grande militar, com as comemorações cívicas do "Dia do Soldado".

A Liga de Defesa Nacional, fundada pelo espírito lúcido e patriótico de Olavo Bilac, através palestras pelo rádio, discursos, conferências e festividades cívicas em praça pública, procura manter vivo o culto dos grandes vultos da nacionalidade — o culto daqueles a quem devemos o Brasil de hoje.

Caxias, herói de muitos títulos, Marechal do Exército, Duque, Grã-Cruz da Ordem da Rosa, Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro, é o Patrono do Exército Brasileiro. E, certamente, não o é por seus títulos apenas — mas pela posição ímpar que ocupa na história política e militar do Brasil. É, no dizer de Gustavo Barroso, "o homem-símbolo, o espírito da mais pura brasilidade".

De todos os seus títulos, queremos aqui ressaltar um, tão-somente, que o torna excelso, que pode parecer um paradoxo, mas que o coloca nos umbrais da imortalidade, com o porte dos deuses gregos — Caxias, Pacificador.

Esse título, éle o mereceu acima de todos; êsse título já não lhe pertence, a éle, mas ao Exército Brasileiro, que o tomou dêle e o trouxe

(\*) Nota da Redação — Palestra proferida, a convite da Liga de Defesa Nacional, na Rádio Copacabana, a 26 de agosto de 1961, pelo Major Art QEMA Rubens Mario Gaggiano Jobim, do QG-I Ex.



e o guardou para si, como Guia de seus mais altos destinos. Hoje, entre as comendas com que o Exército galardeia grandes patriotas, está a Medalha do Pacificador.

Caxias sustentou por longos anos o Império, combatendo e, mais que combatendo, pacificando. Morreu, entretanto, quase obscuro. Todavia, com seu gênio militar e seu temperamento magnífico, havia mantido de pé um grande povo. Uniu-o, consolidou-o e o fez respeitado. E, o que é mais, realizou tudo isso sem alarde e sem a violência abusiva e desnecessária. Não se embebedou na própria glória e no sangue derramado, mas lamentou esse mesmo sangue dos campos de batalha. Estava ungido do verdadeiro espírito da paz, que nasceu no continente americano.

Dêse espírito que elevou a Bolívar e a San Martin. De Bolívar pôde-se dizer, com justeza, que foi o precursor das Nações Unidas. "Não manteve guerra de conquistas, de religião, raciais ou de predomínio político, comercial ou marítimo. Todas suas campanhas desenvolveram-se sob a orientação precisa e única da liberdade continental". "Seis nações o admiraram e veneraram como pai e libertador". Também a San Martin são aplicáveis essas palavras. A Argentina, o Chile e o Peru nasceram sob sua proteção. Era um militar de gênio, mas despido de ambições pessoais. Não quis fazer desses países um império particular, como tantos conquistadores. Mas, dentro do pensamento americano, preferiu fundar três nações livres, recolhendo-se à vida privada com o título de "El Libertador".

Caxias não criou nações como seus antecessores sul-americanos. Encontrou já uma grande nação formada, mas a qual era preciso consolidar. E ao norte e ao sul interveio em todas as revoluções deste Brasil, então intranquilo, animado de elevado espírito mediador. Era o homem que levava, com sua ação político-militar precisa, paz às paragens sacudidas pela violência. Com seu indiscutível gênio, trouxe por cinco vezes a tranqüilidade construtiva à comunhão nacional — e isso sem violência, sem agressividade gratuita, sem desejo de vingança, sem se deixar embalar pelo sangue derramado. Manteve sempre a postura digna. Seus sentimentos elevados estão vivos neste incidente final da Guerra dos Farrapos. Estava em Bagé, vencedor de mais uma revolução, quando o pároco local quis saber a que horas celebrava o "Te Deum" em ação de graças pela vitória. Sua resposta foi magnânima:

— "... diga antes uma missa de defuntos que eu, com o meu Estado-Maior e a tropa que couber na sua Igreja, a iremos amanhã ouvir, pelas almas de nossos irmãos iludidos, que pereceram no combate".

Não era homem de embriagar-se na vitória. Seu espírito de paz — o verdadeiro espírito da paz — estava presente até mesmo nessas ocasiões em que outros o esquecem facilmente.

Tal foi sua linha de conduta durante toda vida militar. Revela-a mesmo nas campanhas contra os povos vizinhos — quando a nação se



lançava à guerra, não para a conquista, mas para revidar a afronta. Sua Ordem do Dia n. 18, de 3 de setembro de 1851, e a Proclamação que lhe seguiu, ao preparar-se para a campanha no Estado Oriental, são obras-primas de dignidade humana e poucas páginas as igualam na literatura militar de um povo. Muitas guerras tornar-se-iam menos sangrentas — guerras que ao homem não é dado ainda controlar — se não fossem esquecidas as recomendações de Caxias a seus soldados. Falando dos inimigos, diz: "... desarmados ou vencidos, são Americanos, são vossos irmãos e como tal os deveis tratar". Traça sua política militar em linhas precisas e de uma dignidade excelsa: "A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa, e respeitadora dos princípios de humanidade". "A propriedade de quem quer que seja, nacional, estrangeiro, amigo ou inimigo, é sagrada e inviolável e deve ser religiosamente respeitada pelo soldado (...) como sua própria honra". Entretanto, como tantos outros conquistadores, poderia ter começado a invasão, pisando firme com suas botas e marcando a terra infeliz com o risco de suas esporas. Poderia ter-se tornado um dominador. Mas, ungido do espírito da paz, restabeleceu a estabilidade política na nação vizinha e entregou-a à sua própria soberania. Isso é tanto mais dignificante, se nos lembrarmos que nem meio século antes a Banda Oriental, hoje República do Uruguai, fôra província brasileira e que, levado pela ambição, poderia ter alimentado a veleidade de reincorporá-la ao Império.

Na Guerra do Paraguai, já aos sessenta anos, é o mesmo Caxias. A guerra provocada pelo Paraguai, arrastou-se longamente, enquanto o Brasil, por política, o manteve afastado do comando. Nomeado Chefe, liquidou-a. E, naquele último ato de guerreiro, teve o último gesto de pacificador. A guerra estava ganha, mas o ditador inimigo, longe de se render, escapara-se ainda. O desejo de vingança, contra aquêle que provocara uma guerra que se prolongara por cinco anos, levou a que fôsse ordenada sua perseguição como a um criminoso qualquer. Caxias, porém, em sua grandeza, não permitiu que o transformassem em capitão de mato. A paz poderia ser assinada quando se quisesse. Não lhe era concebível a caçada ao ditador, como a uma fera. Alegando seus sessenta anos adoentados, retirou-se, e êsse seu último gesto de dignidade pessoal passou quase despercebido.

Essas idéias de Paz e Concórdia, porém, não pertenceram apenas a Caxias, ou, antes dêle, a Bolívar e San Martin. São idéias essencialmente americanas. Existiram, desde o primeiro dia, no coração dos povos dêste continente, ao sul e ao norte. Pode-se dizer, sem medo, que com o Nôvo Mundo nasceu um Mundo Nôvo. E os conceitos de Paz, de Liberdade, de Dignidade e de Direitos do Homem tiveram por aqui um nôvo sôpro. Até o grande Osório, êsse General que devia tôda sua glória às vitórias militares, teve essa frase lapidar de que "o dia mais feliz da minha vida será aquêle em que as nações queimarem seus arsenais".

Caxias simboliza, acima de tudo, a Unidade Nacional, — dêste imenso País que êle ajudou a construir com sua espada pacificadora.



Homem prudente, sereno e de extraordinário bom senso, com sua firmeza de caráter e seu julgamento justo e oportuno construiu no passado o Brasil tranqüilo de hoje. Como reconhece Gustavo Barroso, "para unir numa mesma paz os brasileiros desunidos, como êle o conseguiu fazer, não bastava vencê-los pelas armas, era mister perdoar-lhes os desvios e erros. (...) Não acirrou ódios, aplacou-os: não semeou divergências, aplainou-as; não esporeou invejas, diluiu-as. Não prolongou com castigos, punições ou vinganças, as dores das contendas civis, mas suavizou-as com o bálsamo da anistia oportuna".

Tivemos no passado êsse Grande General que, por seu espírito excelso, simboliza o Exército de hoje. Caxias está sempre presente entre os soldados de nossos dias, a iluminar-lhes os passos — a mostrar-lhes o único caminho que pode ser percorrido sem pejo, antes com o orgulho daqueles que bem cumpriram seu dever.

Feliz a nação que tem entre seus heróis um Caxias, pois certamente um povo que o mereceu é um povo predestinado. Caminhará no concôrto das nações com a mesma dignidade de seu grande herói e símbolo.

Eis o que devemos guardar como pertence muito nosso, como legítima glória de nossa nacionalidade. Caxias, herói epônimo, patrono do Exército Brasileiro, mais que ao Exército, pertence à Nação como benfeazeja dádiva outorgada. Nossa mais alta expressão militar foi um General digno e sereno — como o deverá ser o Brasil de hoje, de amanhã e de sempre.

---

*"Não obstante ser o estudo da História próprio para os Príncipes (Chefes na época), êle não é menos útil aos plebeus. O homem de leis, o político, o guerreiro, que tem recorrido a ela aprenderam a conexão que os nossos presentes têm com as coisas do passado; êles adquiriram uma experiência prematura."*

FREDERICO, O GRANDE

*"O conhecimento superior da Arte da Guerra só é adquirido pela experiência e pelo estudo da história das guerras e das batalhas dos grandes capitães."*

*"Lêde e relêde as campanhas de ALEXANDRE, ANIBAL, CEZAR, GUSTAVO ADOLFO, TURENNE, Príncipe EUGÊNIO, FREDERICO e modelai-vos nelas. Eis aí o único meio de chegar a ser um grande capitão e de surpreender os segredos da Arte da Guerra."*

NAPOLÊÃO



## II — LOGÍSTICA E MOBILIZAÇÃO

Ten-Cel HEITOR FURTADO ARNIZAUT DE MATTOS

Problema apaixonante, que provoca debates sem conta, dificilmente admite a unanimidade de aceitação. Dizem uns que Logística é tudo aquilo que não estiver incluído na compreensão e nas atividades concernentes à Estratégia e à Tática. Esta idéia, absoluta, como que anula, como que faz desaparecer a de Mobilização.

Tal compreensão acarreta uma expansão muito grande, demasiadamente grande mesmo, para a inteligência do que vem a ser Logística. No entanto, pacífico é admitir-se que a diversificação de problemas a serem resolvidos, de obstáculos a serem removidos ou desbordados, não lhe justificam tão elástica capacidade.

— O que é Logística?

Dentro da compreensão do termo, esposada por várias autoridades e estudiosos, é “o conjunto de ações envolvendo o trato dos recursos de toda a ordem, tornados utilizáveis e disponíveis, para promover o atendimento das necessidades de guerra, nas condições exigidas pelos planos”.

Fazendo-se uma exegese ligeira desse conceito, dessa conceituação, diríamos melhor, ela implica em duas idéias simples: **guerra e provimento**.

A guerra, através dos planos e das necessidades determinadas em consequência, que vai possibilitar-lhe PREVER e PROVER, é o ambiente de sua vivência; aliás, Jomini dizia que a Logística era o ramo da arte militar que compreendia os detalhes de transportes, aquartelamento e suprimento de tropas em operações militares.

A II Guerra Mundial proporcionou o meio para que ela se expandisse e se completasse, atendendo às questões de vida, deslocamento e combate. Assim, contemporaneamente, as necessidades a que a Logística deve satisfazer (prover) são capituladas nas chamadas “funções logísticas”, a saber:

- Suprimento;
- Manutenção e reparo;
- Evacuação;
- Assistência médica;
- Construção;
- Transporte. (FA 4-02)



A determinação das necessidades é independente das disponibilidades. Visa saber o que se precisa para dar o apoio logístico considerado. Não fica adstrito ao que se tem. Não se busca condicionar ao que existe armazenado. Pelo menos, inicialmente. Apenas se arrola tudo o que fôr preciso prover às tropas constantes dos planos de guerra, seu ponto de partida.

Esses planos vão exigir recursos de toda a ordem para sua exequibilidade; recursos que poderemos qualificar de "utilizáveis", isto é, capazes de pronta utilização. Essa é uma condição necessária, mas não é suficiente, como se diz na discussão dos problemas da Matemática. É preciso que além de "utilizáveis" os recursos estejam "disponíveis" para fins de guerra.

Exemplificando: os recursos para fins de guerra devem, é óbvio, corresponder a qualificações e especificações preestabelecidas. Os recursos de uma nação podem ter, ou não, a especificidade desejada pelos planos de guerra. Alguns desempenham funções específicas nos diversos campos convencionais do poder e já estão sob a forma de "utilizáveis" para fins de guerra; são os considerados bivalentes. Outros recursos, porém, e é o que comumente ocorre, não são encontrados sob essa forma, como os canhões, os carros de combate, os mísseis, etc. Além disso, os já existentes, os utilizáveis, nem sempre atendem às exigências quantitativas.

O que não fôr obtido, após a procura, num processo inverso, poderá até condicionar o plano, seja modificando os prazos, seja substituindo certos itens, seja reduzindo o valor do efetivo ainda que temporariamente.

A guerra moderna não absorve somente os efetivos militares; ela, em nossos dias, abrange a vida nacional. Envolve, em variados graus, todos os campos de atividade de uma nação — político, econômico, psico-social e militar. Exige a mobilização, completa ou parcial, dos recursos totais de uma nação, para criar e sustentar suas forças militares.

Mas a Logística não dispõe de organismos que lhe digam onde existem os materiais que vai precisar para atender às necessidades a prover. Ela arrola tudo o que fôr considerado necessário e bate à porta de outra grande atividade, para conseguir ou pedir a satisfação das suas funções logísticas. É o grande elo entre a exigência de vida, movimento e combate das forças armadas e o disponível da Nação. Louva-se do que pertence ao campo da Mobilização.

Assim, para atender aos meios necessários à condução das modernas e amplas operações militares, preciso se torna à Nação recorrer aos que existem em potencial e, mediante ajustamentos, expansões e transformações, tornar esses recursos de toda ordem "utilizáveis", para responder às necessidades de guerra, isto é, dar-lhes as características de especificações e de quantidade exigidas pelos planos. Ainda dentro do campo da mobilização.



No caso de guerra, a Nação não vai ser hibernada parcialmente, não vai paralisar tôdas suas atividades não-militares. Existem exigências da vida nacional a serem levadas em consideração, quanto à sua economia e à sobrevivência da população civil.

A Mobilização, no seu conceito mais amplo, abrangendo Pessoal, Economia, Indústria, etc., sabe o que a Nação dispõe, mesmo em potencial, suscetível de transformação em Poder, e procura criar, ajustar, desenvolver e adaptar para os fins de guerra, para atender às necessidades logísticas.

É ela que, conhecedora das exigências da economia nacional e das necessidades de sobrevivência das populações, poderá determinar aquilo que ficará disponível para as Forças Armadas e o que será necessário adquirir no exterior; o que será considerado material crítico ou estratégico; o que será preciso acumular em depósitos, enfim, capacitar a Nação a responder a todos os apelos, quer das Forças Armadas, quer da Economia de Guerra, quer da sobrevivência da Nação.

Eis aí, em largas pinceladas, a diferença entre Logística e Mobilização, e o seu entrosamento.

Poderíamos aduzir outros pontos para melhor esclarecimento, mas alinharemos um por nós considerado de grande monta. A Logística está prêsa a operações; a Mobilização, não. Fazem-se "planos logísticos" anexos aos planos de campanha; a Mobilização está ligada à concepção da guerra.

Uma Nação tem sua economia alicerçada na agricultura. Inicialmente à base do homem e da tração animal, graças ao advento da motorização, substitui os arados tracionados por animais e seus veículos hipomóveis, por tratores motorizados e patrulhas mecanizadas. Vê-se, de um momento para outro, cortado o afluxo de produtos petrolíferos, por um acidente da política internacional, numa situação aflitiva à beira do colapso. Que fazer? Apelar para a mobilização de homens afeitos àquela tradicional agricultura, tais como, ferradores, carroceiros, agricultores mais elementares, e também do material antigo, já abandonado pela moderna agricultura, bem como dos animais para tracioná-los, animais que já se encontram no quarto diedro.

O que foi feito? Logística? Não. **MOBILIZAÇÃO!**

Então, a **MOBILIZAÇÃO** é o conjunto de ações empreendidas e de normas disciplinadoras estabelecidas pelo Estado, no sentido de criar, ampliar, transformar e reunir os recursos nacionais, de toda ordem, para fazer face à guerra ou enfrentar outra grave emergência.

A Logística procura e adquire "produtos acabados" (utilizáveis e disponíveis), para os distribuir aos diversos usuários que reclamam tais meios para fazer a guerra.

A mobilização disciplina a utilização dos recursos gerais da Nação, estabelece normas adequadas, que venham patentear um judicioso balanceamento entre as solicitações advindas dos planos militares, as



exigências da economia e da população civil. O campo da mobilização indo até a disciplinação e triagem de pessoal para atender à reativação de fábricas e indústrias paralisadas, às necessidades de complementação dos efetivos das Forças Armadas e à imposição de aumento da produtividade dos recursos econômicos, fugindo-lhe, nunca é ocioso repetir, a produção em si, que é fator econômico.

Levantando a Logística as necessidades de guerra, batendo à porta da Mobilização, esta assinala as indisponibilidades e por elas é estimulada. Desencadeia sua atividade e trata de fazer desaparecer os óbices, que, por vêzes, em face da impossibilidade de atender integralmente às solicitações feitas, vai impor à primeira, por outro lado, limitações.

Enquanto a Logística se preocupa com as necessidades de guerra e sua satisfação, a Mobilização procura harmonizar as exigências da guerra com os imperativos da manutenção da vida da Nação. Além dessa interferência normativa do uso dos meios em face da guerra, cabe, ainda, à Mobilização, promover medidas que venham assegurar a necessária complementação dos recursos reclamados pela Logística, para atendimento das necessidades de guerra.

---

*“Existe um pequeno número de princípios fundamentais de guerra, dos quais não se pode desviar sem perigo e cuja aplicação, ao contrário, tem sido em quase todos os tempos coroada de sucessô. De tôdas as teorias da Arte da Guerra a única razoável é a que se fundamenta no estudo da história militar.”*

ANTOINE HENRI JOMINI

*“Os exemplos históricos esclarecem tudo e constituem prova convincente nas ciências experimentais. Isto é aplicável, melhor do que em qualquer outro assunto, na Arte da Guerra.” “... quanto mais retrocedemos na história da conduta da guerra tanto menos úteis serão para nós os pormenores, porque as formas de ataque e os métodos das batalhas mudam sempre com a evolução da técnica.”*

CLAUSEWITZ